

## COLETIVO NEGRO TIM LOPES: A NECESSIDADE E A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO NEGRO

NATHALIA FARIAS BORGES<sup>1</sup>; MARCELA LIMA DE MORAES<sup>2</sup>; EDUARDO DE MENEZES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [nathaliafariasborges@hotmail.com](mailto:nathaliafariasborges@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [cela.liima04@gmail.com](mailto:cela.liima04@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dudumenezes@gmail.com](mailto:dudumenezes@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Mulheres, negros, LGBTs, esses são os grupos minoritários que buscam voz ativa dentro das universidades. Em um mundo repleto de discursos de ódio, os coletivos universitários cada vez mais são realidade e dão oportunidade de acesso à informação e conhecimento não só à comunidade acadêmica, mas à sociedade, de modo geral, tendo em vista que a produção científica deve retornar à população com o objetivo de promover a transformação social. Movidos pela compreensão da necessidade de um espaço de acolhimento e pertencimento dentro da Universidade Federal de Pelotas e do curso de Jornalismo, surge, neste local, o primeiro coletivo negro do jornalismo.

Desde o início da implementação da política de cotas, em 2012, a Universidade vem tendo uma representatividade crescente da etnia. Ao final de 2013, apenas três acadêmicos ingressam na UFPel pelas cotas raciais. Ao mesmo tempo, o número de estudantes da UFPel que se autodeclara como preto ou pardo tem tido um crescimento nos últimos anos. Hoje, são 2.894 alunos matriculados que se descrevem dessa forma – o que representa 18,43% dos estudantes. Em 2014, esse grupo era de 6,61%. (UFPEL, CCS, 2018)

Entre os meses de Junho e Julho do ano de 2019, articulou-se entre os alunos negros e pardos, cotistas e não cotistas do curso de jornalismo, a importância de um espaço para que houvesse uma emancipação deste grupo de estudantes, de forma a promover a autonomia dos referidos alunos dentro do ambiente acadêmico. As atividades do grupo são recentes, no entanto muitas intervenções e mobilizações já foram feitas pelo coletivo.

Este trabalho tem por objetivo pesquisar e compreender como se constituiu o coletivo negro Tim Lopes, assim como sua importância no combate ao racismo dentro e fora da universidade e no âmbito da comunicação.

### 2. METODOLOGIA

A abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, é a linha de pesquisa adotada no presente estudo, que se utiliza, portanto, de análise de documentos, coleta de dados e observação participante, durante as reuniões do coletivo, para a produção de um artigo científico sobre o tema. Conforme explica Mattos (2011, p. 50):

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e

procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador.

No presente estudo, ao procurar responder como se deu a constituição do coletivo negro Tim Lopes, bem como sua importância no combate ao racismo, dentro e fora da UFPel, optou-se pela utilização de entrevistas semi-estruturadas e de observação participante, tendo em vista que as pesquisadoras fazem parte do Coletivo em questão.

Desta forma, ressalta-se que as pesquisadoras optaram pelas referidas técnicas de pesquisa considerando o fato de que são, também, sujeitos da pesquisa ao qual se propõem realizar. Nesse sentido, tendo em vista que o período de graduação marca a etapa em que o estudante constrói seus referenciais futuros; isto é, aqueles que o nortearão na fase adulta, inclusive auxiliando na interpretação da sociedade e no autoconhecimento, foi proposta a resolução de algumas questões, cujo objetivo é avaliar a compreensão dos alunos, participantes do referido grupo, sobre suas percepções enquanto cidadãos negros e pardos e alunos graduandos de jornalismo.

Considerando as demandas de cada integrante do coletivo, as autoras analisaram, ainda, o histórico das políticas de ações afirmativas, no Brasil e no Rio Grande do Sul, bem como dados de permanecimento de alunos negros em universidades do país, para a realização da fundamentação teórica do presente trabalho.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo de implantação de políticas afirmativas ainda é recente. Foi instituído como lei federal em 29 de agosto de 2012, quando a lei 12.711 passou a obrigar as Instituições Federais de Educação Superior a reservar cinquenta por cento das vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escola pública, ou em escola particular, com bolsa, sendo que 25% destas vagas seriam destinadas para negros, pardos e indígenas. A UFPel implementou seu sistema de cotas a partir do ingresso 2013/1 e, em 2016, quando até então o acesso a vagas por cotas raciais era considerado somente a autodeclaração de etnia dos candidatos, houve uma denúncia quanto à fraude no acesso às cotas raciais, no curso de Medicina da UFPel.

Nesse sentido, observa-se a necessidade dos encontros do Coletivo Tim Lopes, promovendo estudos e resoluções de problemáticas que permeiam o povo negro de forma social e nos meios de comunicação. As reuniões incitam discussões e a reflexão para que haja um entendimento da importância do aluno negro e pardo ocupar essas vagas de cotas, garantidas por lei, e estar confortável no espaço acadêmico, não interrompendo a graduação por motivos de não

pertencimento. Além disso, considera o fato deste aluno poder questionar-se quanto à representatividade do negro nas mídias jornalísticas (TV, Rádio, Jornal Impresso, Webjornalismo, etc), o que interfere na sua afirmação profissional e pertencimento à classe profissional que optou fazer parte ao ingressar em um curso de Jornalismo.

Semanalmente, os estudantes que compõe o coletivo se reúnem e discutem pautas atuais e futuras atividades, visando um encontro democrático – onde todos os participantes tenham voz e as opiniões de cada um sejam ouvidas. Essa dinâmica, concentrada na relação de alteridade, foi instituída, enquanto prática de grupo, tendo em vista as necessidades percebidas pelos próprios estudantes dentro do curso de Jornalismo.

Ao logo de sua breve trajetória, vale ressaltar que o Coletivo foi convidado pela professora da cadeira de Telejornalismo, Michele Negrini, para participar da banca avaliadora das apresentações dos telejornais produzidos, em aula, analisando a discussão sobre a abordagem do negro nos referidos trabalhos. Um dos objetivos da disciplina é trabalhar com os principais assuntos em voga, amparados pela Lei 11.645/08, que trata da obrigatoriedade de incluir o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio. Optou-se por trazer a discussão, também, para o ensino superior, à medida que as pautas do telejornal, no Brasil, precisam ser plurais, levando à reflexão da diversidade social, voltadas para representação do negro na mídia, bem como assuntos relacionados à saúde, à educação, ao mercado de trabalho, à inserção da mulher negra na sociedade, à cultura, à religião, ao esporte, à música etc.

Além disso, o coletivo ficou encarregado de organizar um dia da V Semana Acadêmica do Jornalismo, que terá como tema Inclusão e Diversidade: o papel social da Comunicação. Durante o dia em questão, a programação contará com uma oficina de desinibição, seguida de uma oficina prática de Televisão, orientada pelos jornalistas Carlos Machado e Julieta Amaral. Ainda, o coletivo organizará uma exposição do fotojornalista da Prefeitura de Rio Grande, Marcos Jatahy, e encerrará com uma mesa de conversa entre Isabela Reis, jornalista formada pela UFRJ, e Ediane Oliveira, jornalista formada pela UCPEL.

#### 4. CONCLUSÕES

Tendo em vista de que a reserva para as cotas raciais ainda consiste em um sistema de falhas e que aos poucos a visibilidade negra está ganhando espaço na mídia brasileira, podemos ponderar uma modificação no sistema, a qual indica que o pensamento democrático e crítico, sobre raça e gênero, deve estar bem compreendido.

A necessidade da presença de grupos como o Coletivo Tim Lopes, na Universidade Federal de Pelotas, é de suma importância para garantir o espaço e a igualdade necessários ao exercício da cidadania. A referida instituição tem dado provas que se preocupa com a permanência dos alunos negros e pardos no ambiente acadêmico, sendo fundamental aprofundar esta preocupação, do ponto de vista prático, no âmbito do curso de Jornalismo, visando analisar a

compreensão do seu papel social do estudante como cidadão negro e futuro comunicador diplomado.

Estudos acerca das Comissões de Heteroidentificação, no país, ainda são demasiadamente recentes. Muita informação errônea ainda é repassada para a sociedade, de modo geral, com mitos e inverdades. Cabe ao coletivo, portanto, desenvolver a possibilidade do empoderamento dos seus participantes, tornando o grupo atuante dentro do CLC e da própria Universidade de modo geral.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSURIAGA, T.V; SILVA JÚNIOR, L.J; GONÇALVES, F; Rodrigues, D. Comissão de Controle e Identificação do Componente Étnico-Racial e Seus Desafios. In: **SEMANA INTEGRADA DA UFPEL**, 4., Pelotas, 2018.

UFPEL. Notícias. CCS, Pelotas, 20 nov. 2018. Online. Acessado em 2 set. 2019. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2018/11/20/representatividade-negra-cresce-na-ufpel/>

MARTINS, L. **Coletivos Buscam Voz Ativa nas Universidades**. Fala Universidades, São Paulo, 26 jun. 2018. Online. Acessado em 1 set. 2019. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/coletivos-universitarios/>

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MOREIRA, M. **Irmandade de Luta – A Ação dos Coletivos Negros nas Universidades**. Afreaka, São Paulo, Online. Acessado em 2 set. 2019. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/irmandade-de-luta-acao-dos-coletivos-negros-nas-universidades/>

SOUSA, Leilane Barbosa de; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Pesquisa etnográfica: evolução e contribuição para a enfermagem. Esc. Anna Nery [online]. 2008, vol.12, n.1, pp.150-155.